

## *Speaker's Corner*

por Joana Bértholo, Agosto 2009

[www.unscratchable.info](http://www.unscratchable.info)

Publicado em:

*Uma Terra Sem Gente Para Gente Sem Terra - Um Livro de Colorir sobre a Palestina*

ISBN 978-989-96355-0-0

Autores e editores:

Nuno Coelho e Adam Kershaw

Textos por:

Alban Biauassat, Alexandra Lucas Coelho, David Tartakover, Ferran Izquierdo Brichs, Ingrid

Quiroga, Joana Bértholo, Mat Ward, Maya Pasternak, Ruba Shahrour e Tiny Domingos

---

## *Speaker's Corner<sup>i</sup>*

A minha história com UMA TERRA SEM GENTE PARA GENTE SEM TERRA começa numa esquina de Berlim, com EIN LAND OHNE VOLK FÜR EIN VOLK OHNE LAND.

Nessa esquina encontra-se a *Rosalux*, uma galeria por onde passa o afluente da produção artística nacional, e depois desagua nos muitos bares e *vernissages* da cidade. Como se Berlim fosse um bairro entre Alfama e o Campo de Ourique. Pitoresco bairro esse, para onde me mudei em 2007, em busca de uma atitude no design que eu estava convencida não existir entre-portas. Por esta altura, padecia de uma expressão aguda desse síndrome que nos afecta tanto por terras lusas, esse de crer que as coisas boas estão sempre e necessariamente *Lá-Fora*. Estava convencida de que ninguém no universo do design de Monção a Sagres estaria preocupado com as coisas com que eu estava preocupada. E essa arrogância mesmo a pedir para ser despedaçada acabou por ser a força motriz da minha ida *Para-Fora*. Onde, segura e felizmente, a despedacei.

Foi de fora, olhando para dentro, que descobri as coisas mais envolvidas do design nacional, e estes olhares que a mim me cativam, os designers mais atentos e que não se dão por satisfeitos com o estado pré-cozinhado e pronto-a-servir das coisas.

O Nuno Coelho é um desses designers, um que toma a sua prática como território de experimentação e questionamento. As suas inquietações estão bastante explícitas no discurso dos trabalhos que apresenta e, além disso, é-nos cedido um espaço para outros níveis de questionamento, um espelho para as nossas próprias inquietações.

Foi dessa forma que li mais este seu projecto. Inquietando-me com as suas inquietações, e descobrindo mais umas quantas com que me inquietar sozinha. (É evidente que me atraem projectos como este, inquietantes). Há que confessar também que me diz muito, esta história de um designer estabilizado numa *vidinha* de todos os dias, numa cidade pacata de cimbalinos e francesinhas, e que abre temporariamente mão do conforto desse universo para ir um mês para um contexto como é o Israelo-Palestino. Acredito no poder transformativo que isso tem ao nível do indivíduo que assim se expõe e se vulnerabiliza. E acredito sobretudo - visto que não me parece exequível que possamos todos viajar até aos demasiados lugares como estes que existem por todo o mundo - acredito sobretudo no papel do design e da comunicação para desmultiplicar essas experiências individuais.

Esse sucedâneo nunca irá substituir uma ida ao local, ver como o Muro divide o quintal de alguém ao meio, passar pelas crianças que apesar de tudo insistem em correr e em brincar, ou sentar-se com as pessoas e partilhar uma refeição - mas é o trabalho possível que cada um de nós pode ir fazendo a partir de um terreno de responsabilidade individual, de empatia, de resistência a um alienamento que a sociedade actual - sobretudo os *media* - nos impõem.

Ou, melhor - nos *propõem de forma contundente*. Porque dizer *impôr* seria negar a nossa capacidade crítica de nos distanciarmos e de nos informarmos melhor, para depois nos acercarmos e nos envolvermos. Como fez o Nuno, afinal.

Esse alienamento é, já se sabe, o resultado da saturação mediática de imagens de violência e de atrocidades que, apesar de se passarem em todo o lado, nos são apresentadas como longínquas. Apesar de se passarem com gente tão gente como nós, nos são apresentadas como realidades dos Outros. Só por isso é possível que

*"quanto mais remoto ou exótico for o local,  
mais provável será que nos seja dado ver imagens frontais de  
mortos ou agonizantes"*

como nos confronta Susan Sontag, no seu mortificante ensaio *Olhando o Sofrimento dos Outros*<sup>ii</sup>. Lembrando-nos de quão desviada é afinal esta banalização do sofrimento filtrada pelos

instrumentos mediáticos. E rogando-nos que reflectamos sobre que tipo de ética e de humanidade pode disso advir.

O que UMA TERRA SEM GENTE PARA GENTE SEM TERRA nos propõe é uma alternativa a esse tipo de discurso homogeneamente "*pornoviolento*" (e homogeneizador da experiência do sentir, mais que tudo). Neste caso, uma linguagem lúdica, que se apropria dos códigos da linguagem infantil, mas que comunica para grandes e para pequenos. Um discurso que também vive do choque e de algum tipo de violência sobre os nossos sentidos - afinal, não são de forma alguma temas pacíficos - mas que não a explora nem a mercantiliza. Somos convidados a entrar em contacto com a barbárie sem que tenhamos de ficar a chafurdar nela.

E essa é uma estratégia não só inteligente, mas uma que havia que procurar aplicar a diferentes contextos e discursos. Como é o caso deste outro projecto, que vou apenas referir. É que, na altura em que primeiro o visitei, este trabalho do Nuno despertou-me a curiosidade em perceber melhor como estariam diferentes designers gráficos a relacionar-se com a aguda questão Israelo-Árabe, e essa pesquisa levou-me até ao trabalho da designer Annelys de Vet.

Esta designer holandesa, junto com designers e artistas Palestinos compuseram o "Atlas Subjectivo da Palestina"<sup>iii</sup>, um documento gráfico impressionante que nos abre portas para inúmeras facetas do conflito que nunca chegariam até nós pelos trâmites habituais. Não se encontram corpos trespassados nem torturados, mas em lugar disso paisagens paradisíacas e o quotidiano urbano de gente que, transcendendo quaisquer circunstâncias, faz a sua vida. Uma visão humanizada de um terreno de guerra, assim pacificado por imagens de gastronomia, música, poesia e das pequenas narrativas que compõem os dias.

Tudo isto me levou a reflectir sobre a posição privilegiada que os designers ocupam, donde podem gerar e oferecer alternativas ao que é oferecido pelos media convencionais. Donde podem não só emitir mensagens que não passam o filtro do habitual discurso entorpecedor, como até conceber objectos que ilustrem e materializem outras percepções da realidade. Nomeadamente, alternativas ao pensamento separatista vigente, ou alternativas ao entendimento dos conflitos através da lógica branco-preto ou vítima-vilão.

Não me parece que isto seja conseguido ou esteja materializado em UMA TERRA SEM GENTE PARA GENTE SEM TERRA. Nem me parece que essa fosse a intenção deste projecto.

Esta é uma daquelas inquietações que me surgem a mim, como consequência, como audiência e como alguém que gosta de pensar o design e a comunicação.

Como gerar alternativas a um lógica dual que em última análise perpetua o conflito? Como parar de encenar o teatro mediático dos vilões e das vítimas? Como é que, mais especificamente, isto se materializaria num projecto como o do Nuno, que sim, nos dá um testemunho humano valiosíssimo do que é ser Palestino neste momento, e apela à nossa empatia lutando assim com a

desconexão e a indiferença; mas que não nos conta nada sobre o que é ser Israelita, como é lidar com o poder, como é lidar com ciclos intermináveis de história e experiências colectivas traumáticas<sup>iv</sup> onde - o tempo apaga tudo? - também os Israelitas foram vítimas e dominados.

Como romper o ciclo?

A já citada Susan Sontag no já citado ensaio dizia também:

*"Recordar é, cada vez mais, não apenas evocar uma história mas ser capaz de convocar uma imagem. (...) O problema não está em que as pessoas recordem através de fotografias, mas que recordem apenas através de fotografias. (...) Este recordar eclipsa outras formas de compreender."*

De que outras formas de compreender se pode estar aqui a falar? Ou de que outras formas de compreender se pode falar, mais além deste ensaio? Que outras formas de perceber o conflito existem, que não o perpetuem? Quando é que a acção não despoleta uma reacção, até ao infinito do tempo e da capacidade humana de se guerrear, matar, e extinguir?

E que tem tudo isto a ver com design?

Será que esta capacidade crítica e este domínio do cenário político e económico global é algo que tenha de estar no âmbito do fazer do design? Que tipo de tarefa megalómana e de responsabilidade super-social está aqui a ser exigida a indivíduos que, bem vistas as coisas, são actores sociais como todos os outros (apenas marcados por este acesso privilegiado ao meios de informação)?

Escusado será dizer que qualquer criador ou autor (seja um designer, seja um realizador de cinema) que se auto-proponha a algo como se propôs o Nuno, não toma para si tarefa fácil. Muito mais além da questão específica deste conflito específico, tem de estar consciente da interdependência de eventos a nível global, e consciente até da forma como se reflectem a nível local. Consciente de que vivemos num mundo crescentemente interconectado. Consciente do perigo que é enfatizar o mesmo discurso vítima-vilão que mencionei acima.

Consciente de que, consciente de que, consciente de que... ou, simplesmente, Consciente.

A meu ver, o que está crescentemente a ser pedido aos designers que querem operacionalizar espaços reais de resistência e de alternativa ao pensamento hegemónico, é uma expansão de consciência. E isto só pode ser efectivado a partir de cada indivíduo. E assim, sim: tem toda a pertinência que um indivíduo saia da esfera do seu-previsível para um lugar tão denso e rico em

paradoxos quanto este, o que podemos visitar através deste projecto. E que volte e multiplique as propostas e as possibilidades para uma nova percepção. Agora é claro, tudo isto implica um nível de comprometimento individual fora do comum.

Mas esta expectativa existe hoje, eu diria que bem presente e bem activa, em redor dos designers e do discurso sobre design. O próprio contexto em que nos movemos é provocatório, não nos permite mais estar bem numa atitude compassiva ou negligente. A tensão já não se reduz a uma questão de conseguir que um objecto comunique ou não comunique, é muito mais o que se comunica.

Que tipo de valores estão veiculados em cada um destes cartazes brancos de grande formato de UMA TERRA SEM GENTE PARA GENTE SEM TERRA? E que tipo de espaço ético é que eles abrem para nós? Que tipo de concepção do mundo é que eles propõem? A que tipo de humanidade alternativa é que eles apelam? É mais uma paráfrase ao pensamento separatista e dualista que nos trouxe a este estado de conflito globalizado? Representam mais do mesmo?

É possível continuar e continuar - e continuar - a aprofundar estas questões. No cerne estarão sempre questões éticas e relacionais que eu já não sei como defender dentro do âmbito de um discurso sobre design gráfico.

E ao mesmo tempo, não posso conceber que sejam omitidas.

Valorizo UMA TERRA SEM GENTE PARA GENTE SEM TERRA sobretudo por ser suficientemente rico e complexo para nos permitir derivar um processo de questionamento. E o mais irónico é como tudo isto nos é dado através de uma linguagem aparentemente infantil, exercícios de educação visual aparentemente inócuos, uma ludo-terapia aparentemente leve.

Tudo isto me leva de volta à memória da esquina da Strelitzerstraße com a Elisabethkirschestraße (digo isto para lhe dar aquele toque exótico e compreendermos que não estamos afinal num bairro entre Alfama e Campo de Ourique, apesar de se ouvir português e de escorrer vinho tinto) até à galeria Rosalux, onde conheci o Nuno.

Era Outubro, talvez Novembro, mas já fazia um frio de Janeiro. O espaço era pequenito mas acolhedor, em disposição quase circular, coberto de cartazes brancos em grande formato a toda a volta. Estava preenchido de gente bonita bebendo vinho em copos de café, lentamente a relaxar enquanto esquecem o frio lá fora. Berlim, enfim.

Como tenho este mau hábito de chegar demasiado cedo às coisas, tive a oportunidade de assistir ao lento colorir dos cartazes desde o seu nada, ou quase nada. Como começaram, quase brancos, apenas com as propostas muito subtis a traço negro, as do Nuno. E como, no momento em que parti, já tinham a sua cor e a sua narrativa muito própria. Possível apenas naquele espaço e com aquela gente.

É isto que é o tal do design participativo? Gosto.

Muita coisa pertinente ficou no ar essa noite, outras questões prolongaram-se no espírito bem mais além desse encontro à esquina. Noutros momentos futuros ir-se-iam ler e experienciar outras coisas que ir-se-iam relacionar e complementar com aquele trabalho que um dia vimos numa galeria de esquina, aquele dos cartazes grandes que os miúdos e os graúdos podiam colorir, aquele que mostra que o Muro da Palestina é quase três vezes mais alto que o de Berlim.

E, mais grave - ainda está de pé.

Joana Bértholo

Agosto 2009

[www.unscratchable.info](http://www.unscratchable.info)

---

<sup>i</sup> Local destinado à expressão livre da opinião pública, onde qualquer pessoa pode partilhar as suas ideias sobre um assunto. O original e mais famoso é o de Hyde Park, em Londres.

<sup>ii</sup> Sontag, Susan, *Olhando o Sofrimento dos Outros*, Gótica, Lisboa, 2003.

<sup>iii</sup> Subjective Atlas of Palestine, [www.annelysdevet.nl](http://www.annelysdevet.nl)

<sup>iv</sup> A complexidade narrativa daquela região onde três continentes se encontram, as centenárias relações entre distintos povos vizinhos nesta região, fazem-nos recordar o que dizia Winston Churchill, referindo-se à região dos Balcãs: que esta produz mais História do que aquilo que pode consumir (“*The Balkans produce more history than they can consume*”).